

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA E LITERATURA
FRANCESA

ANA JÚLIA MACHADO DE SOUZA

O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA NO ENSINO
DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

MANAUS – AM

2025

ANA JÚLIA MACHADO DE SOUZA

**O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA NO ENSINO
DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua e Literatura Francesa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito parcial para obtenção do título de licenciado.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mirley Tereza Correia da Costa Witschoreck

MANAUS – AM

2025

ANA JÚLIA MACHADO DE SOUZA

**O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA NO ENSINO
DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua e Literatura Francesa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras-Língua e Literatura Francesa.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 16/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mirley Tereza Correia da Costa Witschoreck – UFAM
Orientadora

Prof. Dr. Fernando Scheibe
Avaliador

Profa. Dra. Giovana Bleyer Ferreira dos Santos
Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora por guiarem meu caminho. Aos professores que fizeram parte da minha formação, expresso minha profunda gratidão por todo o incentivo e apoio ao longo dessa jornada. Sem o encorajamento de cada um, essa conquista não seria possível. Aos meus colegas de graduação, pelo companheirismo e troca de experiências que enriqueceram minha trajetória acadêmica. Meu agradecimento especial ao meu doce amor, Ademir Rocha, por me mostrar que os encontros mais simples podem transformar toda uma jornada.

*“O ser humano é a um só tempo físico,
biológico, psíquico, cultural, social,
histórico.”*

Edgar Morin

O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Ana Júlia Machado de Souza¹

Mirley Tereza Correia da Costa Witschoreck²

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre o uso da Inteligência Artificial (IA) como ferramenta no ensino de línguas estrangeiras, com ênfase no francês, analisando suas contribuições, limitações e desafios pedagógicos à luz da teoria sociocultural de Vygotsky. Considerando que a aprendizagem é um processo essencialmente social e mediado, discute-se em que medida a IA pode atuar como recurso de apoio na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), favorecendo o engajamento dos estudantes. A pesquisa analisa, ainda, o estudo de Mavropoulou (2023) que utilizou o ChatGPT para a produção de materiais didáticos voltados para fins específicos, e o livro 'Proficiência Francês', desenvolvido na disciplina Prática de Ensino IV da UFAM para os projetos CEL e IsF. A aplicação prática do livro no CEL evidenciou sua funcionalidade como recurso acessível. Os resultados indicam que a IA contribui para a personalização do ensino, oferecendo feedback imediato e ampliação de recursos pedagógicos. No entanto, evidenciam-se questões importantes que exigem constante mediação e revisão docente. Por fim, a pesquisa demonstra que a IA, quando utilizada de forma responsável, fortalece a prática pedagógica, mas não substitui a dimensão humana da mediação, essencial ao ensino-aprendizagem de línguas.

Palavras-chave: Francês Língua Estrangeira (FLE); Inteligência Artificial; Zona de Desenvolvimento Proximal; Produção de Materiais Didáticos; Mediação Pedagógica.

¹ Discente do curso de Língua e Literatura Francesa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

² Docente do curso de Língua e Literatura Francesa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e orientadora da pesquisa.

ABSTRACT

This paper reflects on the use of Artificial Intelligence (AI) as a tool in foreign language teaching, with an emphasis on French, analyzing its contributions, limitations, and pedagogical challenges in light of Vygotsky's sociocultural theory. Considering that learning is an essentially social and mediated process, it discusses the extent to which AI can serve as a supportive resource within the Zone of Proximal Development (ZPD), fostering student engagement. The research draws on Mavropoulou's (2023) study, which used ChatGPT to develop teaching materials for specific purposes, alongside the analysis of the book *Proficiência Francês (French Proficiency)*, produced in the Teaching Practice IV course at UFAM for the CEL and IsF projects. The results indicate that AI contributes to the personalization of teaching by providing immediate feedback and expanding pedagogical resources. The practical application of the book in CEL demonstrated its effectiveness as an accessible resource. However, important limitations were identified, requiring constant teacher mediation and revision. Ultimately, the study shows that AI, when used responsibly, strengthens pedagogical practice but does not replace the human dimension of mediation, which remains essential to language teaching and learning.

Keywords: French as a Foreign Language (FLE); Artificial Intelligence; Zone of Proximal Development; Development of Teaching Materials; Pedagogical Mediation.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à réfléchir sur l'utilisation de l'intelligence artificielle (IA) comme outil dans l'enseignement des langues étrangères, en mettant l'accent sur le français. Il analyse ses contributions, ses limites et ses défis pédagogiques à la lumière de la théorie socioculturelle de Vygotsky. En considérant que l'apprentissage est un processus essentiellement social et médiatisé, on discute dans quelle mesure l'IA peut agir comme un outil de soutien dans la Zone de Développement Proximal (ZDP), favorisant l'engagement des apprenants. La recherche articule l'étude de Mavropoulou (2023), qui a utilisé ChatGPT pour la production de supports didactiques à des fins spécifiques, avec l'analyse du livre *Proficiência Francês*, élaboré dans le cadre du cours Pratique d'Enseignement IV de l'UFAM pour les projets CEL et IsF. Les résultats indiquent que l'IA contribue à la personnalisation de l'enseignement, en offrant une rétroaction immédiate et en élargissant les ressources pédagogiques. L'application pratique du livre au CEL a démontré son efficacité comme ressource accessible. Toutefois, des limites importantes ont été constatées, nécessitant une médiation et une révision constantes de la part de l'enseignant. Enfin, la recherche montre que l'IA, lorsqu'elle est utilisée de manière responsable, renforce la pratique pédagogique sans pour autant remplacer la dimension humaine de la médiation, essentielle à l'enseignement-apprentissage des langues.

Mots-clés : Français Langue Étrangère (FLE) ; Intelligence Artificielle ; Zone de Développement Proximal ; Production de Matériels Didactiques ; Médiation Pédagogique

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I –ABORDAGEM VYGOTSKIANA NA ERA DA TECNOLOGIA. 12	
CAPÍTULO II–IA NO ENSINO DE FRANCÊS: FERRAMENTA PEDAGÓGICA OU RISCO DE DESUMANIZAÇÃO?	15
CAPÍTULO III–EXPERIÊNCIA COM O USO DA TECNOLOGIA NA PRÁTICA DOCENTE	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

INTRODUÇÃO

A chegada da Inteligência Artificial (IA) tem transformado radicalmente a forma como os indivíduos aprendem, se comunicam e se relacionam com o conhecimento. Instituiu-se um novo cenário para a educação, trazendo consigo potencialidades e dilemas que atravessam os diferentes contextos de aprendizagem (D'esposito et al, 2024). Se antes a integração das tecnologias ao ensino se restringia a ferramentas de apoio, como aparelhos de som, projetores, *softwares* ou aplicativos de idiomas, no presente momento, nos deparamos com sistemas de IA capazes de dialogar com os estudantes, oferecer respostas imediatas e até criar materiais didáticos personalizados, além de gerar imagens, compreender e traduzir diferentes idiomas, analisar dados e sugerir recomendações (D'esposito et al, 2024).

Bauman (2001, 2007) destaca que a modernidade valorizou a aceleração e a eficiência, transformando o tempo em ferramenta para maximizar resultados. Essa questão no contexto educacional contemporâneo pode ser percebida, também, no uso de tecnologias como a IA, que agilizam a aprendizagem e personalizam trajetórias. Contudo, mesmo na “modernidade líquida”, a experiência do aprendizado permanece subjetiva e única para cada aluno, exigindo mediação humana que dê sentido às interações e ao conhecimento adquirido.

No campo do ensino de línguas estrangeiras, o debate sobre o uso da inteligência artificial ganha relevância crescente (Vilaça e Gonçalves, 2022). Aprender um idioma vai muito além de memorizar regras gramaticais ou ampliar o vocabulário, pois envolve vivência cultural e experiências de interação humana (Vilaça e Gonçalves, 2022). É nesse ponto que surgem as seguintes perguntas de pesquisa: até que limite a IA pode ser integrada ao processo de ensino sem substituir sua dimensão humana? E qual deve ser o papel da universidade diante desse desafio?

Segundo a teoria sociocultural de Lev Vygotsky (1998), aprender não é um dom natural, mas um processo que se constrói nas interações sociais e mediado por instrumentos culturais. Quando o aluno entra em contato com o outro, seja o professor, os colegas ou até recursos pedagógicos, ele consegue ir além do que faria sozinho. É nesse espaço, chamado por Vygotsky de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que a aprendizagem realmente acontece, pois o estudante recebe o suporte necessário para

progredir. Se pensarmos a IA nesse contexto, ela pode ser entendida como uma ferramenta que ajuda a expandir a ZDP, oferecendo feedback imediato, atividades personalizadas e acesso rápido a informações. Contudo, mesmo com tais benefícios, a IA não substitui a mediação humana, que continua sendo essencial para dar sentido ao conhecimento, interpretar os aspectos culturais e promover uma aprendizagem verdadeiramente significativa (Mendonça et al., 2024; Vygotsky, 1998).

Nessa perspectiva, o estudo de Mavropoulou (2023) mostra que o uso do ChatGPT para criar materiais de ensino de francês traz pontos positivos e negativos. De um lado, a ferramenta facilita o trabalho do professor, pois gera atividades rapidamente, permite personalizar conteúdos tornando o ensino mais estimulante e inclusivo. Mas, por outro lado, ainda há limitações, visto que algumas respostas soam superficiais, faltam o contexto cultural da língua e a revisão constante do professor para ajustar o material. Isso deixa claro que a tecnologia auxilia, mas não substitui a atuação humana.

A relevância desta pesquisa reside no fato de que a IA já é uma realidade no cotidiano acadêmico e social. Muitos estudantes recorrem a tradutores automáticos, aplicativos de idiomas e, mais recentemente, a assistentes virtuais para revisar textos, praticar conversação ou criar atividades. Ignorar esse cenário seria fechar os olhos para um processo irreversível. Cabe à universidade, portanto, orientar e formar professores críticos, capazes de utilizar a tecnologia de maneira ética, responsável e criativa, assegurando que ela funcione como facilitadora da aprendizagem e mediadora do processo, sem substituir a dimensão humana do ensino.

Além da introdução, este trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo aborda os fundamentos da teoria sociocultural de Vygotsky e suas implicações para o ensino de línguas estrangeiras, considerando o uso da IA como recurso de apoio. O segundo capítulo examina o estudo de caso de Mavropoulou (2023), discutindo a forma como os resultados apontam tanto as potencialidades quanto os desafios da utilização da IA no ensino de francês. O terceiro capítulo apresenta o livro Proficiência Francês, elaborado por discentes da disciplina Prática de Ensino de Língua Francesa IV, sob a supervisão da professora Mirley Tereza Correia da Costa Witschoreck, e que reúne atividades e conteúdos desenvolvidos com o suporte do ChatGPT. A obra se mostra acessível e prática, servindo como recurso para os projetos de extensão Centro de Ensino de Línguas (CEL) e Rede Idiomas sem Fronteiras (IsF) da Universidade Federal do

Amazonas (UFAM). Por fim, as considerações finais sintetizam os resultados alcançados e apresentam reflexões sobre o uso da IA no ensino de línguas, destacando seu potencial como ferramenta pedagógica.

CAPÍTULO I – ABORDAGEM VYGOTSKIANA NA ERA DA TECNOLOGIA

Lev Vygotsky (1896–1934), considerado um dos mais importantes pensadores da Psicologia da Educação, revolucionou a compreensão do processo de aprendizagem ao enfatizar sua dimensão social e cultural. Para o autor, o conhecimento não é resultado exclusivamente de processos internos do indivíduo, mas se constrói a partir da interação com o outro e com os instrumentos culturais disponíveis. Essa perspectiva, conhecida como teoria sociocultural, permanece atual e oferece contribuições decisivas para pensar o ensino de línguas estrangeiras em tempos da crescente presença da tecnologia.

A teoria vygotskiana diz que todo aprendizado é mediado. O ser humano não acessa o mundo de forma direta e isolada, mas sempre por meio de símbolos, linguagens, ferramentas e, principalmente, da interação com sujeitos mais experientes. Nesse sentido, o papel do professor, dos colegas e das ferramentas educacionais é essencial. É na relação dialógica que o estudante amplia sua compreensão, adquire novas formas de expressão e internaliza conceitos que, posteriormente, poderá utilizar de forma autônoma. Essa mediação, ao mesmo tempo cultural e social, torna o aprendizado uma experiência coletiva e não apenas individual.

Um dos conceitos mais conhecidos de Vygotsky, a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), é particularmente relevante para o ensino de línguas. Ela corresponde ao espaço entre aquilo que o estudante já consegue realizar sozinho e aquilo que pode realizar com apoio. Na prática pedagógica, isso significa que o aprendiz pode alcançar níveis mais complexos de compreensão e produção quando recebe a orientação adequada de professores (Mendonça et al., 2024). A ZDP evidencia que aprender não é simplesmente acumular informações, mas avançar gradualmente em direção a novas possibilidades de ação e pensamento por meio da cooperação e do diálogo (Silva et al, 2024).

No campo da educação linguística, essa perspectiva traz reflexões fundamentais. Aprender uma língua estrangeira não se limita a decorar listas de vocabulário e estruturas gramaticais. O aprendizado torna-se significativo quando o estudante consegue usá-lo em situações de interação social, atribuindo sentido às palavras e compreendendo o contexto cultural em que estão inseridas. A língua, segundo Vygotsky, é ao mesmo tempo um instrumento de comunicação e uma ferramenta de pensamento. Ao se apropriar de um

novo idioma, o aprendiz expande sua capacidade de interpretar o mundo, de se expressar e de interagir com diferentes realidades culturais.

A cultura desempenha um papel vital no desenvolvimento cognitivo na perspectiva de Vygotsky. Ele acredita que as ferramentas culturais, como a linguagem, a escrita e os sistemas numéricos, são mediadores essenciais no processo de desenvolvimento. Essas ferramentas são transmitidas através de interações sociais e são fundamentais para a internalização das funções cognitivas. Vygotsky sugere que diferentes contextos culturais produzem diferentes formas de pensamento e aprendizagem, destacando a importância de considerar o contexto cultural no estudo do desenvolvimento cognitivo (Silva et al. 2024, p.04, apud Vygotsky, 1984).

Dessa forma, a presença da tecnologia e da IA no ensino de línguas deve ser analisada criticamente à luz da teoria sociocultural. Se, por um lado, ferramentas como tradutores automáticos, *chatbots* e aplicativos de idiomas podem atuar como instrumentos mediadores, oferecendo apoio imediato e facilitando o acesso ao idioma, por outro, elas não podem substituir o papel do professor e da interação humana. A mediação proposta por Vygotsky envolve não apenas o fornecimento de respostas ou correções, mas a construção de significados compartilhados, a negociação de sentidos e o desenvolvimento de competências críticas. Segundo Vilaça e Gonçalves (2022, p. 86), o uso de tecnologias impacta a maneira como se age e se compreende o mundo, afetando a identidade do indivíduo e exigindo que ele atribua significado às ferramentas que utiliza.

Para Morin (2001; 2002) a educação deve ir além das fronteiras disciplinares, promovendo a colaboração e o diálogo entre campos do conhecimento. Sua proposta inclui também uma dimensão ética e humanista: o desenvolvimento intelectual precisa caminhar junto ao desenvolvimento moral e emocional, cultivando valores como solidariedade, empatia e respeito à diversidade. Essa perspectiva dialoga diretamente com os desafios trazidos pela IA, pois exige uma formação que una tecnologia e humanismo, razão e sensibilidade, preparando o estudante para agir de forma ética e crítica no mundo digital.

Além disso, o aprendizado de uma língua estrangeira implica o contato com valores, práticas e formas de vida que constituem a identidade de um povo (Silva et al,

2024). Nesse aspecto, a IA, ao oferecer respostas padronizadas, corre o risco de enfraquecer a experiência cultural da aprendizagem (Vilaça et al., 2022). Cabe ao professor atuar como mediador crítico, utilizando a tecnologia como recurso de apoio, mas garantindo que o estudante seja exposto à riqueza e à complexidade cultural da língua-alvo.

Outro ponto central em Vygotsky é a noção de internalização, processo pelo qual o que inicialmente é realizado com auxílio do outro passa a ser realizado de forma autônoma. Isso significa que o verdadeiro aprendizado não ocorre apenas quando o estudante recebe respostas, mas quando é capaz de transformar essas respostas em conhecimento próprio, aplicável em novas situações (Nunes; Silveira, 2015). A IA pode oferecer apoio nesse processo por meio de exercícios, de modelos de uso do idioma e de atividades simuladas, todavia, a internalização efetiva ocorre quando o aprendiz é capaz de utilizar o idioma em interações significativas, atingindo o âmago da língua como um sistema cultural e simbólico em constante vivência de forma autêntica.

Ao aplicar a teoria vygotskiana ao ensino de línguas mediado por tecnologia, fica evidente que a IA deve ser compreendida como uma ferramenta auxiliar, inserida em um processo educativo mais amplo. Ela pode expandir a ZDP, proporcionando ao estudante novas maneiras de explorar a língua e de receber retornos imediatos sobre seu desempenho. Entretanto, sem a mediação cultural, afetiva e crítica do professor, existe o risco de reduzir a aprendizagem a um processo mecânico, desprovido de profundidade e de humanização.

Portanto, a principal contribuição de Vygotsky para este debate é de que o ensino de línguas é, antes de tudo, uma prática social e cultural. A IA, quando utilizada de forma ética e responsável, pode se tornar um poderoso instrumento mediador dentro da ZDP, mas não deve ser confundida com o processo de ensino em si. A essência da aprendizagem linguística permanece na interação humana, na construção compartilhada do conhecimento e na vivência cultural que nenhuma tecnologia é capaz de reproduzir integralmente. Assim, cabe ao professor assumir um papel de liderança crítica, articulando recursos tecnológicos com práticas pedagógicas que preservem o caráter social e transformador da educação.

CAPÍTULO II – IA NO ENSINO DE FRANCÊS: FERRAMENTA PEDAGÓGICA OU RISCO DE DESUMANIZAÇÃO?

A permanência da transitoriedade, a durabilidade do provisório, a determinação objetiva irrefletida nas consequências subjetivas das ações, e o papel social perpetuamente subdefinido, ou, mais precisamente, a inserção no fluxo vital sem a âncora de um papel social (Bauman, 2007, p. 53). A IA tem avançado rapidamente no campo educacional, seu uso nem sempre é mediado, e alunos e professores frequentemente recorrem à tecnologia sem critérios claros, o que pode gerar dependência ou distorções no processo de aprendizagem. Apesar de seu potencial transformador, essa difusão acelerada evidencia um risco significativo: quando mal aplicada, a IA pode reforçar desigualdades, criar atalhos fáceis e comprometer a experiência educativa, tanto pela rapidez de sua disseminação quanto pelo impacto nas práticas pedagógicas. No ensino de línguas estrangeiras, a IA se apresenta em diferentes formatos, como tradutores automáticos, corretores gramaticais, assistentes virtuais, aplicativos de idiomas e, mais recentemente, o ChatGPT, capazes de produzir textos, responder perguntas e simular diálogos. Essas ferramentas, cada vez mais presentes no cotidiano escolar e universitário, levantam importantes questionamentos sobre sua eficácia, limites e, sobretudo, sobre a necessidade de mediação humana.

Um estudo realizado por Mavropoulou (2023) investigou empiricamente de que forma o ChatGPT pode ser utilizado no ensino de francês como língua estrangeira em um curso de artes culinárias oferecido por um instituto de formação profissional em Tessalônica, na Grécia. O curso experimental teve duração de quinze semanas, envolvendo estudantes com idades entre 18 e 56 anos, com carga horária de duas horas semanais. Nesse contexto, a IA foi utilizada para gerar materiais didáticos personalizados, incluindo textos, exercícios de compreensão escrita, questões abertas, atividades de múltipla escolha e até propostas de vocabulário técnico adaptadas à realidade dos aprendizes. Os resultados mostraram que a IA pode agilizar a preparação de atividades, reduzir o tempo de elaboração de conteúdos e oferecer respostas contextualizadas de forma satisfatória, de acordo com a avaliação dos professores. Além disso, a possibilidade de adaptar o material ao perfil dos estudantes revelou um potencial significativo de personalização do ensino, algo cada vez mais valorizado em contextos educacionais diversificados.

Contudo, ainda que o estudo tenha apontado ganhos relevantes, também trouxe à tona limitações que não podem ser ignoradas. O ChatGPT, embora seja capaz de produzir conteúdos adequados ao nível linguístico dos aprendizes, tende a padronizar respostas e a apresentar interações que, em muitos casos, carecem de profundidade cultural. A ausência de referências mais autênticas à cultura francófona limita a experiência de aprendizagem, que vai além do domínio da gramática e do vocabulário, envolvendo a construção de sentidos, a negociação de significados e o mergulho em universos culturais. É nesse ponto que a presença do professor se mostra insubstituível. Como mediador, ele é responsável por validar, ajustar e contextualizar o material gerado pela IA garantindo que a aprendizagem não se reduza a uma prática mecânica, mas que se constitua como experiência significativa e culturalmente situada.

A teoria sociocultural de Lev Vygotsky ajuda a compreender essa necessidade. Segundo o autor, aprender é um processo essencialmente social e mediado, em que o sujeito avança daquilo que já sabe para o que pode realizar com apoio, dentro da chamada ZDP. Nesse sentido, a IA pode ser compreendida como uma ferramenta auxiliar, capaz de oferecer apoio ao estudante, mas que jamais substitui o papel da interação humana. É na relação com professores e colegas que se dá a negociação de sentidos, a reflexão crítica e a construção de significados duradouros. Assim, mesmo que a IA simule diálogos, ela não consegue reproduzir a dimensão humana da comunicação feita de emoções, gestos, ambiguidades e vivências culturais.

Outro ponto relevante diz respeito à motivação e à autonomia dos estudantes. O uso da IA pode, de um lado, aumentar o engajamento ao proporcionar feedback imediato e exercícios dinâmicos. Por outro lado, há o risco de criar dependência tecnológica, especialmente quando os alunos recorrem a tradutores automáticos ou ao ChatGPT para resolver tarefas sem se dedicar ao processo de reflexão. Isso pode comprometer a internalização, conceito central em Vygotsky, segundo o qual aquilo que inicialmente é aprendido com ajuda externa precisa ser assimilado de forma independente. Quando o estudante se limita a copiar respostas geradas por IA, ele deixa de desenvolver processos cognitivos mais profundos, e em vez de aprendizado, o que ocorre é mera reprodução.

Além disso, não se pode negligenciar a dimensão ética envolvida no uso dessas ferramentas. O estudo de Mavropoulou (2023) mostra que, embora a IA possa acelerar a preparação de materiais, cabe ao professor utilizá-la de forma crítica, evitando tanto a

supervalorização quanto o uso indiscriminado. Questões como autenticidade, autoria e responsabilidade emergem de maneira inevitável, pois se um texto é elaborado pela IA, de quem é, de fato, a autoria? Do professor que solicitou, do estudante que o utiliza, ou da máquina que o gerou? Essas perguntas apontam para um debate que vai além da técnica: trata-se de refletir sobre os limites éticos da tecnologia e sobre a necessidade de manter o ensino de línguas como espaço de construção humana e cultural.

Portanto, ao analisar as potencialidades e os limites da IA no ensino de línguas, torna-se evidente que seu valor está em ser um recurso de apoio, e não um substituto da prática docente. A IA pode ampliar o acesso, diversificar estratégias e enriquecer o repertório pedagógico, mas precisa estar integrada a uma abordagem crítica que preserve a dimensão social e cultural da aprendizagem. O professor, nesse cenário, não perde relevância, ao contrário, assume papel ainda mais central ao orientar os estudantes a utilizarem essas ferramentas de forma consciente, ética e reflexiva, sempre em favor de uma aprendizagem significativa.

Assim, a análise de Mavropoulou (2023), articulada à perspectiva sociocultural de Vygotsky, permite concluir que a IA abre caminhos promissores para o ensino de línguas estrangeiras, mas exige prudência e cuidado em sua implementação. O desafio não consiste apenas em incorporar novas tecnologias às práticas pedagógicas, mas em garantir que elas dialoguem com os princípios de uma educação humanizadora, que valorize a cultura, a interação e o pensamento crítico. Somente dessa forma será possível transformar a IA em uma verdadeira aliada no processo de aprendizagem, sem reduzir a complexidade que caracteriza o ensino e o aprendizado de uma língua estrangeira.

CAPÍTULO III – EXPERIÊNCIA COM O USO DA TECNOLOGIA NA PRÁTICA DOCENTE

Ainda no contexto acadêmico, a produção do livro Proficiência Francês constitui uma experiência de uso da IA no ensino. O material foi desenvolvido na disciplina Prática de Ensino de Língua Francesa IV da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), sob a supervisão da professora Mirley Witschoreck, reunindo atividades elaboradas com o suporte do ChatGPT. Este projeto procurou conhecer como foram construídas as sequências didáticas, bem como as atividades de obras de referência como *Tout Va Bien* (Auge, 2005), *Défi* (Gloanec, 2018) e *Écho* (Girardet; Pécheur, 2010-2020) para podermos transpor os aspectos encontrados ao uso da inteligência artificial como ferramenta de apoio na elaboração de um livro de compreensão leitora.

O processo iniciou-se com a análise crítica desses materiais, o que possibilitou compreender diferentes abordagens pedagógicas, níveis de proficiência e estratégias didáticas para a qualificação da habilidade leitora. Em seguida, com o auxílio do ChatGPT, foi possível elaborar atividades dinâmicas e exercícios interativos, contemplando variados níveis de aprendizagem. A construção do livro foi, portanto, um trabalho coletivo, cujo objetivo era disponibilizar materiais a serem utilizados nos projetos de extensão Centro de Ensino de Línguas (CEL) e Rede Idiomas sem Fronteiras (IsF) da UFAM, ampliando o alcance e a acessibilidade do ensino de francês.

O livro foi estruturado como um passo a passo, acompanhando os níveis de proficiência (A1 a B1/B2). A obra organiza seus conteúdos a partir de tópicos gramaticais, textos culturais e exercícios práticos que permitem ao estudante desenvolver, de forma gradual, a compreensão leitora, por meio de atividades criadas com o apoio de recursos digitais.

Embora a obra seja iniciada com o objetivo de despertar o interesse pela língua francesa, inclusive com foco também em pontos da oralidade como links para o site TV5Monde e na prática da pronúncia do alfabeto e exercícios de soletração e leitura em voz alta para somente depois explorar a compreensão escrita, vale destacar, que a sua concepção tem o propósito de desenvolver a compreensão global de textos, foco central das provas de proficiência leitora exigidas em processos seletivos de cursos de pós-graduação, por exemplo. Por essa razão, o material não aborda a leitura a partir de

perspectivas psicolinguísticas ou de outras correntes teóricas que privilegiam aspectos cognitivos ou discursivos específicos. Ao contrário, a proposta didática se orienta pelas estratégias de leitura apresentadas por Sophie Moirand em *Situations d'écrit*, enfatizando a mobilização de conhecimentos prévios (Moirand, 1979), a identificação de informações essenciais e a construção de sentido global como elementos fundamentais para o desempenho eficiente nesses exames. Logo, as atividades propostas no livro contemplam diversas competências e visam promover o engajamento dos alunos no aprendizado da língua francesa.

A combinação entre a análise de obras tradicionais e o suporte da IA possibilitou a criação de um material acessível, prático e, ao mesmo tempo, pedagogicamente estruturado. A proposta não apenas ofereceu aos estudantes oportunidades de aprendizagem mais estimulantes, mas também contribuiu para apoiar o trabalho docente nos cursos de extensão da universidade.

Para compreender de que forma a IA foi utilizada na produção do livro 'Proficiência Francês' e como os materiais gerados dialogam com a teoria sociocultural de Vygotsky discutida no Capítulo I, analisamos três atividades representativas do nível A1. A seleção buscou evidenciar tanto as potencialidades quanto as limitações do uso do ChatGPT na elaboração de materiais didáticos, bem como o papel essencial da mediação docente nesse processo.

A primeira atividade analisada (Figura 1a) apresenta um texto sobre venda de imóvel, gênero textual comum no ensino de FLE nível A1, seguido de cinco questões de compreensão literal.

A Figura 1a apresenta um texto gerado pelo ChatGPT com aproximadamente 150 palavras e descreve as características de uma casa localizada em Montmartre, Paris. O vocabulário utilizado é adequado ao nível A1, para compreensão escrita, termos como *maison*, *jardin*, *salon*, *cuisine*, *chambres*, *prix* são essenciais para iniciantes. As estruturas gramaticais empregadas são simples, com predomínio do presente do indicativo e uso de expressões como *il y a*, *comprend* e *dispose de*, que integram o repertório básico de aprendizes desse nível.

Figura 1 – Trechos do livro *Proficiência Francês*

(a)

ANNONCE

À Vendre: Une Maison Magnifique à Paris

Description:
Nous vendons une maison de charme située dans le quartier historique de Montmartre, à Paris. La maison est spacieuse, avec un jardin privé et une vue imprenable sur la ville.

Caractéristiques:

- Le rez-de-chaussée comprend un grand salon, une cuisine moderne et une salle à manger.
- Le premier étage dispose de trois chambres lumineuses et de deux salles de bains.
- Le sous-sol est aménagé en une salle de jeux et une buanderie.
- Un garage pouvant accueillir deux voitures.

Prix: 1 200 000 €

Pour plus d'informations, veuillez contacter l'agence immobilière au 01 23 45 67 89 ou envoyer un e-mail à contact@immobilierparis.fr.

Questions

1. Où est située la maison à vendre?

2. Combien de chambres y a-t-il dans la maison?

3. Quel est le prix de la maison?

4. Quels sont les équipements inclus dans le rez-de-chaussée de la maison?

5. Comment peut-on contacter l'agence immobilière pour plus d'informations?

(b)

**POINT DE GRAMMAIRE
LES ARTICLES**

Les articles définis	Les articles indéfinis
LE	UN
LA	UNE
LES	DES
L' * devant voyelle et h muet	

Quand on utilise les définis et les indéfinis?

Les définis on utilise pour une chose ou une personne en particulier et les indéfinis on utilise pour une chose ou une personne indéterminée.

Caroline est la copine de François.

Pauline lit un livre. Elle aime beaucoup les romans.

Pratiquez

1. Choisissez le bon article défini ou indéfini pour compléter les phrases suivantes:

a) __ chat est sur __ canapé.
b) __ école est fermée aujourd'hui.
c) Il a acheté __ voiture rouge.
d) __ enfants jouent dans __ parc.
e) Elle veut __ gâteau pour __ dessert.

(c)

Prononciation : les lettres de l'alphabet

1. Pratiquer a soletração de palavras em francês.

- Chat (C-H-A-T)
- Maison (M-A-I-S-O-N)
- École (É-C-O-L-E)

2. Complétez le tableau ci-dessous avec un mot français commençant par chaque lettre de l'alphabet.

Lettre	Mot
A	
B	
C	

Fonte: Witschoreck et al. (2024, 1a p. 9; 1b p. 10 e 1c p. 8)

As cinco questões propostas ("Où est située la maison?", "Combien de chambres y a-t-il dans la maison?", "Quel est le prix de la maison?", "Quels sont les équipements inclus dans le rez-de-chaussée?", "Comment peut-on contacter l'agence immobilière?") testam exclusivamente a compreensão literal, exigindo que o estudante localize informações explícites no texto de acordo com as estratégias de leitura anunciadas no início de cada nível proposto. Esse tipo de exercício situa-se claramente dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de aprendizes A1: não é trivial a ponto de não promover aprendizagem, mas tampouco ultrapassa a capacidade de compreensão do aprendiz com apoio adequado.

O ChatGPT demonstrou eficácia na geração de um texto adequado ao nível linguístico solicitado. A estrutura textual respeita as convenções do gênero anúncio imobiliário (título, descrição, características, preço, contato), e o vocabulário está alinhado ao esperado para o nível A1. As questões elaboradas são pertinentes e testam efetivamente a compreensão global do texto. A rapidez com que o material foi gerado representa uma vantagem significativa: o que demandaria horas de elaboração manual foi

produzido em poucos minutos, permitindo que o professor concentre seus esforços na revisão e adaptação do conteúdo.

Embora o texto mencione Montmartre, um bairro historicamente relevante de Paris, não há exploração cultural dessa informação. A atividade perde a oportunidade de introduzir aspectos culturais francófonos de forma integrada ao ensino da língua. Essa lacuna reforça a importância da mediação docente: cabe ao professor enriquecer o material gerado pela IA com elementos culturais, históricos e sociais que conferem profundidade ao aprendizado linguístico, conforme preconiza a teoria vygotskyana (Silva et al., 2024; Vilaça; Gonçalves, 2022).

A análise dessa atividade ilustra o potencial da IA para gerar materiais estruturalmente adequados e linguisticamente corretos, mas evidencia que a tecnologia, por si só, não é capaz de produzir conteúdos culturalmente situados e pedagogicamente completos. O papel do professor permanece central: validar, ajustar, contextualizar e enriquecer o material para que a aprendizagem transcenda a decodificação linguística e alcance a compreensão cultural.

A segunda atividade analisada corresponde a um exercício gramatical de preenchimento de lacunas, focado no uso de artigos definidos e indefinidos em francês, habilidade fundamental para o nível A1, sobretudo, para aqueles que vão realizar provas de proficiência leitora.

A Figura 1b apresenta dois tipos de exercícios gerados pelo ChatGPT: o primeiro solicita que o estudante escolha o artigo adequado (le, la, les, l', un, une, des) para completar cinco frases isoladas; o segundo propõe um texto curto e contextualizado sobre a rotina de Marie, uma estudante em Paris, no qual o aprendiz deve inserir os artigos apropriados em oito lacunas.

O vocabulário empregado é apropriado ao nível A1, incluindo termos cotidianos como "chat", "canapé", "école", "voiture", "café", "croissant" e "université". As estruturas sintáticas são simples, predominando o uso do presente do indicativo em frases declarativas curtas.

O ChatGPT gerou exercícios estruturalmente adequados ao nível A1, com progressão pedagógica clara: o primeiro exercício trabalha a identificação isolada dos

artigos, enquanto o segundo integra esse conhecimento em um contexto narrativo coeso. A rapidez de geração é uma vantagem significativa: exercícios como esses, que tradicionalmente demandariam tempo considerável de elaboração manual, foram produzidos em poucos minutos. Além disso, a atividade respeita os princípios de gradação de dificuldade, essencial para o ensino de línguas estrangeiras.

Esta análise revela que, embora a IA seja eficiente na geração de exercícios gramaticais estruturados, ela não substitui atividades de produção escrita autêntica. O livro 'Proficiência Francês' trabalha a gramática de forma aplicada, mas não oferece oportunidades para que o aprendiz desenvolva competências de escrita livre, criativa ou comunicativa. Vale destacar que trabalhar a escrita não é o objetivo do texto que objetiva qualificar a compreensão global dos textos pelos estudantes, no entanto, o professor poderia complementar este material com propostas de produção textual que permitam aos estudantes expressarem suas próprias ideias, experiências e visões de mundo, conforme preconizam os princípios da abordagem comunicativa e da teoria sociocultural de Vygotsky.

A terceira atividade analisada aborda a habilidade de compreensão oral e produção oral, especificamente a pronúncia e soletração em francês, competências essenciais para aprendizes iniciantes no nível A1. Tais atividades estão no início do livro, pois existe nessa unidade o objetivo primeiro de sensibilizar os estudantes à aprendizagem da língua francesa.

A Figura 1c apresenta o alfabeto francês completo (de A a Z) acompanhado de um link externo para áudio ("cliquez pour écouter l'alphabet"), direcionando o usuário ao site TV5 Monde. Logo abaixo, propõe-se um exercício prático de soletração com três exemplos: "Chat (C-H-A-T)", "Maison (M-A-I-S-O-N)" e "École (É-C-O-L-E)". Em seguida, solicita-se que o estudante complete uma tabela com palavras francesas iniciadas por cada letra do alfabeto.

Do ponto de vista da ZDP, a atividade situa-se adequadamente no nível A1: parte do reconhecimento das letras (escuta do áudio) e avança para a produção oral controlada (soletrar palavras dadas) e, posteriormente, para a produção minimamente criativa (escolher palavras para cada letra).

Contudo, esta atividade evidencia uma limitação técnica fundamental: o ChatGPT, ferramenta utilizada na elaboração do livro, não gera arquivos de áudio. Consequentemente, a produção oral depende inteiramente de recursos externos (TV5 Monde) ou da mediação direta do professor em sala de aula.

Esta progressão de limitações evidencia que o papel da mediação docente se intensifica proporcionalmente às deficiências do material gerado por IA. Na compreensão escrita (habilidade não analisada nesta seção, mas discutida anteriormente), o professor atua principalmente como mediador cultural, contextualizando conteúdos. Na produção escrita, ele precisa complementar exercícios mecânicos com atividades criativas. Na produção oral, deve adaptar textos escritos para uso oral. Na compreensão oral, o professor precisa complementar com materiais sonoros adequados, uma vez que a IA não armazena áudios.

A experiência de produção do livro *Proficiência Francês* trouxe importantes reflexões sobre o uso da IA na prática docente. A tecnologia, quando utilizada de maneira crítica e responsável, deixa de ser um tabu e se apresenta como uma aliada no planejamento pedagógico. Ela pode agilizar significativamente a elaboração de atividades, oferecer estruturas textuais variadas e facilitar a personalização do ensino para diferentes níveis de proficiência.

Entretanto, o uso da IA pode agilizar a elaboração de atividades, oferecer feedback quase imediato e facilitar a personalização do ensino. Porém, é igualmente necessário reconhecer suas limitações. As respostas fornecidas por sistemas de IA muitas vezes são padronizadas, superficiais ou destituídas de contexto cultural, o que reforça a necessidade da mediação docente. Desse modo, o professor permanece insubstituível, cabe ao professor entender contexto, interpretar nuances culturais, estimular a reflexão crítica, adaptar os conteúdos às realidades locais e garantir que o aprendizado não se restrinja ao mecanicismo.

Assim, o livro *Proficiência Francês* vai além de ser apenas um recurso didático. Ele representa a valorização do trabalho colaborativo entre discentes e docente, o incentivo à criatividade e a promoção da inclusão, pilares fundamentais na prática universitária. Ao mesmo tempo, evidencia que a IA, quando revisada por um olhar

estratégico e planejamento pedagógico estruturado, pode ampliar significativamente as possibilidades de ensino, tornando-o mais conectado às demandas atuais da sociedade.

[...] o professor é capaz de utilizar diferentes tecnologias digitais com confiança, criatividade e espírito crítico para melhorar as suas atividades profissionais, selecionando tecnologias específicas para diferentes situações específicas e buscando compreender as vantagens e desvantagens de diferentes estratégias digitais. Este profissional é curioso e aberto a novas ideias, reconhecendo que não conhece todas as ferramentas disponíveis (Vilaça; Gonçalves, 2022, p. 137).

Dessa experiência emerge uma constatação importante: o uso da IA na educação não deve se reduzir à simples geração de conteúdos ou à automatização de tarefas. Mais do que isso, é necessário integrá-la de forma consciente, ética e responsável, garantindo que a tecnologia esteja a serviço da aprendizagem, e não o contrário. Isso implica compreender a IA como parceira do professor, capaz de enriquecer a prática docente e diversificar recursos, mas sem jamais substituir a dimensão humana, cultural e crítica que constitui o coração do processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou investigar as potencialidades e os limites da Inteligência Artificial no ensino de línguas estrangeiras, tomando como referência a teoria sociocultural de Vygotsky, o estudo de caso de Mavropoulou (2023) e a experiência de produção do livro didático *Proficiência Francês* na Universidade Federal do Amazonas. A análise realizada evidenciou que a IA oferece benefícios relevantes, como apoio ao processo de mediação, dinamização de tarefas pedagógicas e agilização na elaboração de materiais didáticos. Contudo, também revelou limitações consideráveis: a superficialidade de certas interações, a dificuldade em contemplar habilidades como compreensão e produção oral e, sobretudo, a incapacidade de substituir a mediação humana no processo de ensino-aprendizagem.

O estudo de Mavropoulou (2023), realizado em um curso de francês para fins específicos em artes culinárias na Grécia, demonstrou que o ChatGPT pode ser utilizado com êxito na geração de materiais didáticos personalizados, reduzindo significativamente o tempo de preparação de atividades e permitindo adaptações ao perfil dos estudantes. No entanto, a pesquisadora também identificou limitações importantes: as respostas geradas pela IA tendiam à padronização, apresentavam interações superficiais e careciam de profundidade, evidenciando a necessidade incontornável de mediação docente para validar, ajustar e contextualizar os conteúdos produzidos.

A experiência com o livro *Proficiência Francês*, desenvolvido com apoio do ChatGPT na disciplina Prática de Ensino IV da UFAM, corroborou os achados de Mavropoulou (2023) e ofereceu contribuições complementares ao debate. A análise das atividades do nível A1 demonstrou que a IA foi eficiente na geração de textos adequados aos níveis de proficiência, na criação de exercícios gramaticais estruturados e na proposição de questões de compreensão escrita que respeitam a Zona de Desenvolvimento Proximal dos aprendizes. O que tradicionalmente demandaria horas de trabalho foi produzido em poucos minutos, permitindo aos professores concentrarem-se na revisão, adaptação e enriquecimento pedagógico do material. Essa rapidez de produção revelou-se uma vantagem significativa para o desenvolvimento de recursos didáticos acessíveis e práticos, atendendo aos objetivos dos projetos de extensão CEL e IsF.

Entretanto, a análise também identificou limitações técnicas inerentes à ferramenta. O ChatGPT não gera arquivos de áudio, o que restringiu significativamente o desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e produção oral. Para a compreensão oral, o livro precisou recorrer a links externos para recursos como o TV5 Monde, tornando essa habilidade dependente de plataformas externas ou da mediação direta do professor em sala de aula. Quanto à produção oral, embora o material incluísse exercícios de soletração e apresentasse diálogos escritos, não havia orientações específicas para uso oral dessas atividades, nem modelos de pronúncia integrados. Essas lacunas evidenciam que, a IA apresenta limitações técnicas importantes para o trabalho com oralidade, exigindo que o professor complemente o material com recursos sonoros e atividades de produção oral.

Sob a ótica vygotskyana, a aprendizagem adquire significado pleno quando ocorre em contextos sociais mediados por interações humanas. Nesse sentido, a Inteligência Artificial deve ser compreendida como um recurso complementar, capaz de auxiliar o estudante em momentos específicos da Zona de Desenvolvimento Proximal, mas sem jamais substituir a presença do professor ou o diálogo entre pares. Tanto o estudo de Mavropoulou (2023) quanto a experiência com o livro "Proficiência Francês" confirmaram essa premissa: em ambos os contextos, os professores precisaram atuar como mediadores pedagógicos, validando e ajustando conteúdos, complementando exercícios mecânicos com atividades criativas e, especialmente no caso da UFAM, suprimindo as limitações técnicas da ferramenta nas habilidades orais. Nos cursos de extensão do CEL e IsF, os professores criaram ou curaram todo o conteúdo de compreensão oral ausente no material gerado pela IA, evidenciando que a mediação docente se intensifica justamente nas áreas onde a tecnologia apresenta suas maiores deficiências. Tal constatação reforça a necessidade de que as tecnologias educacionais sejam sempre utilizadas de forma consciente, ética e voltadas para o desenvolvimento integral do aprendiz.

O uso inadequado da Inteligência Artificial pode comprometer o processo educativo, reduzindo a autonomia dos estudantes, enfraquecendo o desenvolvimento de competências críticas e promovendo uma aprendizagem mecanicista e descontextualizada. Por outro lado, quando aplicada com intencionalidade, planejamento pedagógico estruturado e constante mediação docente, a IA torna-se uma aliada poderosa:

poupa o tempo do professor na elaboração de materiais básicos, organiza tarefas pedagógicas, oferece estruturas textuais variadas, favorece a personalização do ensino para diferentes níveis de proficiência e potencializa a experiência de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, seu uso criterioso enriquece o aprendizado, fortalece habilidades digitais e prepara os estudantes para interagir de maneira mais consciente e crítica em um mundo cada vez mais tecnológico.

A integração da IA ao ensino de línguas, portanto, exige reflexão crítica contínua. O desafio não se resume a aceitar ou rejeitar a tecnologia, mas em compreender como ela pode ser incorporada de maneira responsável, ética e humanizadora, reconhecendo tanto suas potencialidades quanto suas limitações técnicas. Nesse processo, as instituições de ensino superior desempenham papel central, pois são responsáveis por formar docentes aptos a equilibrar inovação tecnológica e mediação pedagógica, capazes de utilizar ferramentas digitais com confiança, criatividade e espírito crítico, selecionando tecnologias específicas para situações específicas e compreendendo as vantagens e desvantagens de diferentes estratégias digitais (Vilaça; Gonçalves, 2022). É fundamental assegurar que a prática pedagógica seja enriquecida sem comprometer a dimensão ética, social e afetiva da educação. Ignorar a presença da IA significaria um retrocesso diante dos avanços tecnológicos e das demandas contemporâneas; utilizá-la sem reflexão crítica, mediação docente ou compreensão de suas limitações, contudo, comprometeria a profundidade, a qualidade e o sentido humano da aprendizagem.

Quando utilizada de modo consciente e complementar às habilidades humanas, a IA amplia horizontes, diversifica recursos, potencializa a criatividade e se consolida como ferramenta de grande valor para professores e estudantes. O futuro do ensino de línguas dependerá justamente dessa capacidade de transformar a tecnologia em recurso pedagógico a serviço de uma educação que valorize o diálogo, a reflexão crítica, a criatividade e a formação integral do ser humano. As experiências analisadas nesta pesquisa, tanto o estudo de Mavropoulou (2023) quanto a produção do livro "Proficiência Francês," demonstraram que essa transformação é possível e promissora, mas exige trabalho colaborativo, análise crítica constante das potencialidades e limitações técnicas das ferramentas disponíveis e, sobretudo, a preservação do papel insubstituível do professor como mediador, enriquecedor e criador de experiências educativas significativas.

Desse modo, cabe à universidade não apenas preparar docentes para esse diálogo entre tradição pedagógica e inovação tecnológica, mas também promover, junto aos estudantes, um uso ético, responsável e criticamente informado da IA, de modo que sua contribuição vá além do ensino de uma língua estrangeira, alcançando a formação de sujeitos autônomos, capazes de interagir de maneira plena com o mundo e suas diversidades de forma subjetiva e autêntica. Afinal, como demonstrou esta pesquisa, a tecnologia pode gerar textos e exercícios com eficiência notável nas habilidades escritas, mas apenas o ser humano, com sua intencionalidade pedagógica, sensibilidade e compromisso ético, pode transformar informação em conhecimento, suprir as limitações técnicas das ferramentas e garantir que o conhecimento se transforme em aprendizagem de forma subjetiva e autêntica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGE, H. **Tout va bien! 1: Livre de l'élève**. Paris: CLE International, 2005.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- D'ESPOSITO, Maria Eugenia Witzler; GATNER, Sérgio. **Inteligência artificial no ensino-aprendizagem de línguas**. *The ESPECIALIST*, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 134–153, jun. 2024. DOI: 10.23925/2318-7115.2024v45i3e63941.
- ELA: Epifanias em Linguística Aplicada. **VYGOTSKY: Ninguém aprende sozinho: ZDP, mediação, conceitos espontâneos, conceitos científicos**. 2023. 9 min. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zcMrSuYvozU>> Acesso em: 30 ago. 2025.
- GIRARDET, Jacky; PÉCHEUR, J. (2010-2020). **Écho : méthode de français 1**. Paris: CLE International.
- GLOANEC, Audrey. **DÉFI 1 - Livre de L'élève**. Maison des Langues, 2018.
- GONÇALVES, Lilia Aparecida Costa. **Uso de Inteligência Artificial no Ensino de Literatura**. Revista Eletrônica do Instituto Humanidades, n. 58, 2024.2.
- MAVROPOULOU, Eleni. **Exploitation de l'intelligence artificielle dans l'enseignement du français langue étrangère sur objectifs spécifiques : une étude de cas**. Ziglôbitha. Revue des Arts, Linguistique, Littérature & Civilisations, Université Peleforo Gon Coulibaly - Korhogo, n. 08, p. 63-70, déc. 2023.
- MENDONÇA, Lincoln Henriques de; SATURNINO, Vanuza Muniz Araújo; NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da aprendizagem**. 3. ed. rev. Fortaleza, CE: UECE, 2015.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MOIRAND, Sophie. **Situations d'écrit. Compréhension, production en langue étrangère**. Paris: CLE international, 1979.
- SILVA, Cliciano Vieira da; SANTOS, Andreza de Oliveira Franco; CABRAL, Gladys Nogueira; MONTEIRO, Gabriela Clotilde dos Santos; SILVA, Karen Karoline Cordeiro; BELÉM, Breno de Campos; LIMA, Simone do Socorro Azevedo; PEREIRA, Fábio Araújo. **Estudo Sobre A Teoria Da Aprendizagem De Lev Vygotsky**. IOSR Journal Of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS), v. 29, n. 7, ser. 10, p. 22-27, jul. 2024. e-ISSN 2279-0837, p-ISSN 2279-0845.
- VILAÇA, Márcio Luiz; GONÇALVES, Lilia Aparecida Costa (Orgs.). **Cultura digital, educação e formação de professores**. São Paulo: Pontocom, 2022.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Edição digital. Ridendo Castigat Mores: eBooksBrasil, s.d. Disponível em: <http://www.jahr.org>. Acesso em: 11 jan. 2026.
- WITSCHORECK, Mirley Tereza Correia da Costa; MOTA, Ramona Morgana Gonçalves; SOUZA, Sabrina da Silva; MARQUES, Yonah Pereira. **Proficiência Francês. Manaus**: Universidade Federal do Amazonas, 2024.

WITSCHORECK, Mirley Tereza Correia da Costa; SANTOS, Giovana Bleyer Ferreira. **A produção de material didático em francês língua estrangeira (FLE) no processo de formação de professores da Universidade Federal do Amazonas. Gláuks: Revista de Letras e Artes**, Manaus, v. 24, n. 2, p. 70-86, 2024.